



FOLHA PROLER

Publicação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura

EDITORIAL

Marisa Lajolo

Nunca se leu e escreveu tanto quanto hoje em dia. Desde que telas e teclados invadiram nosso cotidiano, escrita e leitura fizeram-se muito mais presentes na vida de todos nós. Isto é, na vida de todos que pudemos acrescentar à nossa identidade de falantes, escreventes, ouvinte e leitores, uma nova identidade: a identidade de internautas. Somos internautas quando mandamos *emails* e quando mandamos a declaração do Imposto de Renda, ou quando trocamos poemas pela Internet e pela Internet acessamos nosso saldo bancário.

Leitura e escrita no mundo dos teclados e telas vieram para ficar, parece. E manifestam aspectos distintos da escrita e da leitura que papéis impressos, lápis e mesmo máquinas de escrever patrocinavam. Mas os olhos e as mãos são os mesmos... ou quase: são os mesmos, porém ampliados pelas novas capacidades cognitivas que apenas o mundo digital oferece.

Computadores e Internet nos familiarizam, por exemplo, com a simultaneidade. Jornais *online*, operando em tempo real, podem fornecer notícias transmitidas simultaneamente ao acontecimento. Computadores permitem diálogo entre diferentes linguagens, sendo escrita/imagem/som as superposições mais freqüentes. Mas, particularmente neste seu auspicioso início, a informática permite a criação de linguagens, sobretudo a criação de escritas.

Nem todos, porém, convivemos pacificamente com este novo mundo de linguagens, que muitas vezes parece ter a desordem de uma Babel. Novas formas assumidas pela ortografia em *blogs* e *mails*, por exemplo, deixam muita gente – sobretudo nós que habitamos o *lado de cá* da mesa do professor – de cabelo em pé. Não faltam previsões de catástrofes lingüísticas e desastres pedagógicos, tudo em nome da *última flor do Lácio*...

Tenho para mim que a preocupação é descabida.

As queixas manifestam-se, geralmente, a partir da ortografia. No entanto, ortografia é convenção. A nossa, por

exemplo, já mudou várias vezes. Já se escreveu *phantasma* e *pharmacia*, e estamos em vésperas de um novo acordo ortográfico. Antigamente, tempo de telegramas pagos letra a letra, escrevia-se, por exemplo, *Comunique Adido Comercial máquina será fornecida começo próximo exercício acordo circular 430 Exteriores*, sem que o atropelo sintático que “comeu” preposições causasse problemas. A equivalência perfeita entre som e traço é o sonho (impossível) da escrita, em sua eterna vassalagem à fala.

Soma-se, ao surto de facilidade e criatividade em que a informática inscreve o momento de *redigir* um texto, a profunda alteração que ela imprimiu à circulação da leitura e da *escrita*. A disponibilidade de informação que os bancos de dados oferecem torna-nos a todos muito mais informados. E, porque mais informados, mais sábios. E a geração que está crescendo com o *Google* vai ser ainda mais antenada. Bibliotecas virtuais disponibilizam obras de domínio público e novas formas de remuneração do trabalho intelectual acenam com a perspectiva de que obras contemporâneas também possam tornar-se acessíveis a um toque de dedo.

Somando tudo, bem-vindo seja este tempo em que *lan houses* são irmãs mais novas de bibliotecas! Pois, mais do que representar um risco à cultura escrita, a chegada de computadores ao mundo da escrita e da leitura é uma grande oportunidade para reflexão sobre a incrível capacidade humana de invenção constante. Reflexão sobre a linguagem, campo no qual a inventividade – *literatura* chamada – vem se manifestando de forma contínua e sempre instigante.

Td blz naum eh mesmo?

MARISA LAJOLO é professora titular (aposentada) da Unicamp e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Entre outros títulos, é autora de *Como e porque ler o romance brasileiro* (Objetiva), *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida* (Moderna) e do romance juvenil *Destino em aberto* (Ática). Foi eleita presidente do Conselho Consultivo do PROLER.

Artigo:

O (re)encanto de ler e ouvir histórias

Maria Aparecida Campos Mamede-Neves

A atividade gráfica é um poder que sempre encantou a humanidade e que foi por ela exercida desde as épocas mais primitivas. Ela está presente nos primeiros anos de vida de uma criança que mostra sinais de grande satisfação, quando deixa a marca de suas mãozinhas ou pés na areia, na terra molhada ou no chão úmido de sua casa, ou quando traça rabiscos nas paredes e nos vidros embaçados e úmidos dos carros. Interessante notar que ao prazer que a criança tem pelo ato de grafitar se sucede o prazer de contemplar o que produziu e, mais tarde, contar para os outros o que representou.

A par disso, a criança descobre cedo que, além das representações que se apóiam na observação da realidade objetiva e guardam com essa realidade alguma semelhança, existe outro conjunto de formas a que o adulto confere grande importância e cuja significação não pode ser extraída diretamente da comparação com o real, posto que é arbitrariamente atribuída por esse mundo adulto. Por isso, na imitação lúdica que faz e que resulta da identificação que ela tem com as "pessoas grandes", a criança tenta reproduzir esse universo gráfico, seja imitando os atos de leitura, "escrevendo" histórias a seu jeito e lhes conferindo significado, do mesmo modo que se esforça por compreender a lógica da construção dessas representações. O que importa notar é que todo esse caminhar, do desenho à leitura e à escrita "faz-de-conta" das crianças, constitui, para o mundo infantil, um ato extremamente prazeroso.

Quem observa crianças numa livraria, sentadas no chão e entretidas em "ler" livros, percebe o prazer e o gosto com que realizam esta atividade. E por que, então, na trajetória do ato de ler, da criança à adolescência, se constata a morte de um interesse?

Observa-se que o problema de "não gostar de ler" começa geralmente quando a criança entra nas chamadas classes de alfabetização e é despojada das coisas que fazia antes e que lhe davam grande prazer: brincar, jogar, desenhar e rabiscar. Tudo porque, a partir desse momento, ela é

orientada a não mais "perder tempo" com essas atividades, porquanto agora ela tem coisas mais importantes a fazer!

Apartada das atividades que a interessavam, a criança, por conseqüência, vai atribuir um significado severo às questões ligadas à leitura e à escrita. Na medida em que a alfabetização, na sua óptica, é a grande responsável pela segregação que os adultos lhe impõem, ela passa progressivamente a ter um vínculo negativo com essa prática. E não é uma questão de estrato social. Os alunos, mesmo nas escolas de classes média e alta, consideradas de excelente nível, de modo geral não se sentem atraídos pela leitura nem têm gosto pela escrita.



No entanto, eu, que tenho grande experiência principalmente na interlocução com adolescentes, vejo que são capazes de devorar livros inteiros de aventuras relacionadas a jogos eletrônicos, que procuram e conhecem profundamente as buscas arqueológicas sobre a pré-história dos dinossauros ou as históricas mitológicas européias, que gostam de navegar e se comunicar na rede, que fazem buscas na Internet, tudo isso conseguido sempre pela ação de ler e escrever.

E não me venham dizer que, com a Internet, não mais se lê!!! Lê-se muito e sobre muitas coisas. É incrível como, em muitos lugares completamente desassistidos pela atenção governamental, existe uma Lan House! Foi um adolescente que me deu a primeira dica para comprar livros mais baratos e raros em sites de sebos do Brasil; foi um jovem de 17 ou 18 anos que noutro dia me avisou, feliz, que seu conto tinha sido premiado com um livro e que estava publicado na página de um site sobre RPG (Role Play Game), do tipo Harry Potter, *O Senhor dos Anéis*. Fui lá conferir!! Arvorando-se no uso do tratamento "vós", difícil de conjugar, arcaico, quase desaparecido, ele conseguiu, mesmo com alguns erros de concordância, dar enorme força dramática ao seu conto.

Hoje, a grande potencialidade da multimídia é poder-se contar com imagem (figura e texto), som e movimento. Veja esse fragmento encontrado por mim, numa busca no Google, o qual mostra muito bem que há a possibilidade, cada vez maior

e mais bem-sucedida, de se partir da mídia televisiva para se chegar ao texto impresso:

Hoje é dia de Maria é uma minissérie da televisão, produzida em oito capítulos e dirigida por Luiz Fernando Carvalho, tendo sido exibida no começo de 2005 pela Rede Globo.

Chamou a atenção da crítica pela linguagem diferenciada. É considerada uma das mais poéticas, originais e belas produções televisivas dos últimos anos. Foi um projeto de doze anos, idealizado pelo diretor Luiz Fernando Carvalho, e que virou realidade na comemoração dos 40 anos da Rede Globo. As imagens, a trilha sonora e as interpretações não deveriam em nada a qualquer telenovela ou superprodução cinematográfica. O tom era meio farsesco e lembrava peças encenadas em palcos improvisados nas praças de cidades do interior. O grande diferencial é que a minissérie conseguiu transpor todo esse universo de cultura popular para uma sofisticada produção televisiva, sem tirar sua autenticidade.

A série rendeu uma segunda edição, apresentada na semana da criança, em outubro do mesmo ano. Chamou-se *Hoje é dia de Maria*, segunda jornada, e teve cinco capítulos. Nesta segunda jornada, Maria chega à cidade onde vive diversas aventuras, vê a guerra e a destruição, e volta ao seu lugar de origem. O roteiro adaptado por Luís Alberto de Abreu das duas fases da minissérie foi lançado nas livrarias.

Vejam que, neste caso, a imagem virou letra! Interessante, não?

Muitos outros exemplos poderiam ser incorporados a esta reflexão. Entretanto, o que vale realmente assinalar é que, mantendo o prazer de ler, seja esporte, histórias medievais, conhecimentos sobre a pré-história ou a mitologia dos Pokémon; seja partindo-se de minisséries televisivas, muitas irretocavelmente realizadas, para se apropriar do fascínio da Guerra dos Farrapos, do interessante momento da construção de Brasília ou das obras de Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Raquel de Queiroz e muitos, o que verdadeiramente importa é ter-se condições de, em qualquer idade, recuperar a alegria das crianças pequenas em rabiscar e ler seus rabiscos.

Enquanto isso não se processa, não teremos o número de leitores de livros que almejamos!

Maria Aparecida Mamede-Neves é psicóloga e Professora Titular do Departamento de Educação da PUC-Rio

Conselho Consultivo do PROLER elege presidente e vice-presidente para o ano de 2008.

Em 8 de janeiro realizou-se uma reunião entre o Conselho Consultivo do Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER e o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, professor Muniz Sodré. Em pauta, a avaliação do ano anterior, os projetos para 2008 e a eleição do presidente e do vice-presidente do Conselho Consultivo do PROLER. A análise dos trabalhos realizados em 2007 tomou em consideração não apenas as atividades executadas pela coordenação do PROLER, cujo relatório foi então apresentado, mas, sobretudo, o conjunto das ações cumpridas pelos Comitês – conforme vão dando a conhecer os primeiros relatórios enviados para a sede do Programa –, e as reivindicações e sugestões que seus representantes alinhavaram coletivamente durante as sessões do último Encontro Nacional.

No que respeitou à eleição da presidência e vice-presidência do Conselho Consultivo do PROLER, adotou-se o seguinte procedimento. Ao presidente da FBN coube indicar dois nomes para os cargos, e, em seguida, submetê-los à aprovação de cada um dos membros do Conselho, com declaração aberta e individual de voto.

Estabelecidos esses critérios, o presidente propôs os nomes da conselheira Marisa Lajolo, para a presidência, e da conselheira Elizabeth D'Angelo Serra, para a vice-presidência. Ambas as indicações foram aprovadas por unanimidade dos presentes. Além do presidente e das conselheiras eleitas, compareceram ao encontro a diretora executiva da FBN, Célia Portella, a coordenadora nacional do PROLER e conselheira Eliane Pszczol, e os conselheiros Emir Suaiden, Iranilde Maciel, Ilce Cavalcanti, Jane Paiva, Kátia Carvalho e Nilma Lacerda.

XII Encontro Nacional PROLER: reunidos na Biblioteca Nacional e na Casa da Leitura, representantes de Comitês de todo o Brasil discutiram a situação atual do Programa e novas propostas de incentivo à leitura.

Em conjunto com o II Simpósio Latino-americano de Bibliotecas Públicas e o XIV Encontro Nacional do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas-SNBP, realizou-se, entre 4 e 7 de dezembro, o XII Encontro Nacional do Programa Nacional de Incentivo à Leitura-PROLER. O tema do evento, *Biblioteca pública e leitura: o livro – do mundo ao cibernundo*, atraiu para os fóruns de debate cerca de 300 participantes, que se dividiram entre as programações previstas pelo SNBP e pelo PROLER, transcorridas em paralelo nos auditórios Machado de Assis, na Biblioteca Nacional, e Clarice Lispector na Casa da Leitura. Compareceram à cerimônia de abertura o representante do MinC Adair Rocha, o Secretário Executivo do PNLL José Castilho, o Presidente e a Diretora Executiva da FBN, Muniz Sodré e Célia Portella, o Coordenador Geral do Livro e Leitura Jeferson Assunção, a Coordenadora do PROLER Eliane Pszczol e a Coordenadora do SNBP Ilce Cavalcanti.

Em seu discurso inaugural o presidente da FBN assinalou a importância estratégica de um encontro com bibliotecas públicas e agentes de leitura no momento de implementação do PAC Social, o programa Mais Cultura, do governo federal. Muniz Sodré afirmou que, numa época em que a difusão tecnológica do conhecimento tem gerado um excesso de informação – cuja organização e filtragem caberia justamente às bibliotecas –, uma sociedade só pode conquistar o direito pleno à memória pelo exercício coletivo da autonarração. O Secretário Executivo do PNLL salientou a indissolubilidade do elo entre biblioteca e mediação de leitura, dois campos de ação fundamentais para construir uma política de formação de cidadãos leitores. O representante do MinC apontou que o desenvolvimento social está ligado à leitura, concepção reforçada pelo coordenador geral do livro e leitura e pela diretora executiva da FBN: Jeferson Assunção disse que aumentar o número de bibliotecas e modernizá-las significa qualificar os ambientes sociais, e Célia Portella advertiu que o impacto da tecnologia na geração do conhecimento nos defronta com o problema da inclusão social, cuja solução envolve políticas de estímulo à leitura. A biblioteca deve legitimar-se não só pela excelência de sua coleção, mas pela frequência das visitasões

que registra, pois um acervo é um patrimônio imaterial que só se realiza pela ação, pela leitura. Célia Portella saudou os 15 anos do Proler e do SNBP, programas voltados a “iniciativas diferentes mas convergentes”. Ilce Cavalcanti, coordenadora do Sistema, afirmou em seguida que o fortalecimento da função social da biblioteca pública tem sido o traço dominante da ação do SNBP. Apesar de persistirem dificuldades como a pouca conscientização dos governantes e o baixo número de bibliotecários, o Sistema planeja, junto ao governo federal, zerar nos próximos anos o número de municípios sem bibliotecas e dinamizar as que já existem.

Recapitulando as últimas ações do PROLER, Eliane Pszczol apresentou dados recentes para confirmar que o Programa voltou à ativa: hoje 70 comitês conveniados, unidos numa rede de troca de informações, têm lutado contra as fragilidades de acesso à leitura. A coordenadora louvou o pioneirismo do PROLER, mas disse que hoje, num tempo em que a tecnologia informacional ganha todas as esferas da vida social, é preciso reforçar as competências do Programa e pensar em políticas de leitura que integrem novos leitores a este mundo em transformação.

Ao fim da cerimônia procedeu-se à entrega das medalhas “Biblioteca Nacional” a quatro homenageadas por sua luta em favor da leitura. O Sistema premiou Glória Costa, da Biblioteca de Pernambuco. Pelo PROLER, foram agraciadas Tânia Ulhoa, do Comitê Uberaba-Vale do Rio Grande, e Rosa Maria, do Comitê de São Luís. A ex-coordenadora do Comitê de Rondônia Glória Valadares, também laureada, recebeu no ato o convite de Eliane Pszczol para voltar ao Programa. Logo após, a Cia. de Teatro Livro Vivo encenou *Senhora*, peça baseada na obra de José de Alencar.

Findo o intervalo, realizaram-se duas conferências: a primeira, proferida por Mary Giraldo, vice-diretora de leitura da CERLALC, abordou as práticas e tendências em biblioteca e leitura nos países em desenvolvimento. A professora colombiana observou que os modos de leitura variam historicamente segundo os suportes tecnológicos em que se registram os textos, e que, portanto, não há maneira natural de ler, isto é, a leitura não está inscrita na natureza humana. Em seguida, traçou um panorama dos planos de promoção da leitura na América Latina, e

concluiu suas ponderações advertindo que as bibliotecas devem propor-se como foro multicultural de encontro de comunidades, pois, segundo ela, a leitura compartilhada pode ajudar os indivíduos a definir fins compartilhados. No debate, Nilma Lacerda e Nancy Nóbrega salientaram a estreita relação que une leitura e poder: o conhecimento encerra uma reserva de poder, e a divisão desigual do conhecimento socialmente produzido corresponde à distribuição desigual do poder social entre os indivíduos. A mesma relação, considerada porém da perspectiva do poder democratizador da leitura, foi explorada por Clara Budinick, executiva da Fundação Democracia e Desenvolvimento, do Chile, na palestra “Biblioteca pública e leitura: inclusão social”. A fala da professora chilena, com o debate que se seguiu, fechou o primeiro dia de programação.

Na manhã seguinte, na BN, aconteceu a conferência “Políticas públicas culturais nos países latino-americanos”. Na primeira parte da palestra, Albino Rubín, da UFBA, falou sobre políticas culturais ibero-americanas. O início de sua exposição tratou das disparidades de tradição histórica e enfoque existentes entre as políticas culturais da região. Para ele, tais diferenças tendem a isolar essas iniciativas públicas e a estabelecer entre elas um desconhecimento mútuo. Adiante, após analisar as instituições multilaterais que apóiam projetos de política cultural na América Latina, Albino anotou que a conciliação entre as singularidades regionais e a crescente homogeneização do mundo global está entre os desafios que as políticas culturais deverão afrontar no futuro. O segundo momento do programa foi aberto pela palestra do Secretário Executivo do Programa Nacional do Livro e Leitura-PNLL, José Castilho Marques Neto. Incumbido de falar sobre políticas culturais no Brasil, Castilho resumizou as ações realizadas pelo PNLL, afirmando que a vinculação dos projetos relacionados ao livro e à leitura a uma política de Estado confere a esta dinamismo e capilaridade, e àqueles valor e reconhecimento. O PNLL é um plano unificado de parceria concreta e a longo prazo com a sociedade, e, embora enfrente dificuldades relacionadas à estrutura do mercado editorial brasileiro e à desproporção entre volume de recursos e carências a combater, tem obtido êxitos no seu compromisso de articular livro e leitura à luta pela efetivação dos direitos e da cidadania.

Falaram, em seguida, os dois comentaristas convidados, o professor José Maria Jardim, da UFF, e o professor George Kornis, da UERJ. Jardim reportou-se à palestra de Albino Rubín para tecer algumas críticas ao conceito “políticas públicas”, cuja imprecisão denunciou. Ele questionou ainda a identificação feita às vezes entre administração cultural e política cultural e as indefinições relativas à forma de execução e ao público destinatário dos planos de cultura. George Kornis, por sua vez, contestou a afirmação de José Castilho segundo a qual o campo do livro e da leitura tem-se alargado. O economista declarou que os índices sobre leitura no Brasil, fornecidos por entidades que representam interesses de grandes editoras, não são confiáveis. Co-autor com Fábio Earp do livro *A economia da cadeia produtiva do livro*, George apontou que a concentração no mercado livreiro no Brasil, sobretudo no ramo de didáticos, é hostil a ações de difusão dos bens de leitura. Ele ressaltou a necessidade de conter esse processo como condição essencial para encetar um projeto de democratização do livro. Castilho obtemperou que o PNLL atua sob o instável equilíbrio entre o mercado de livros e a função social da leitura, e afirmou a expectativa de promover a desconcentração do mercado e a união dos projetos de incentivo à leitura. Ao fim da palestra, teve início a apresentação da Cia. Ilíada Homero de Teatro.

À tarde começaram as atividades paralelas: os representantes do SNBP permaneceram na Biblioteca, enquanto os coordenadores dos Comitês PROLER se transferiram para o auditório Clarice Lispector, na Casa da Leitura. Nessa ocasião, um debate em torno do tema “Relação Estado-sociedade na construção de políticas públicas de leitura”, dirigido pelas professoras Iranilde Maciel e Jane Paiva, do Conselho Consultivo do PROLER, suscitou um amplo debate entre os Comitês, reunidos por região. A principal questão levantada abordou a articulação entre, de um lado, a autonomia dos Comitês, definida por suas condições específicas de trabalho e pelo contexto de sua ação, e, de outro, a necessidade de dotá-los de unidade prático-teórica capaz de conciliar seus esforços e numa política nacional de leitura. Os desdobramentos do debate estenderam-se ao dia seguinte, quando por solicitação unânime e consensual dos Comitês se abriu novo espaço de intercâmbio de idéias após a palestra que, na



Biblioteca, dava continuidade à programação conjunta do Encontro.

Esta conferência, realizada na manhã do dia 6, versou sobre o tema “Inovação e desenvolvimento local: construção de redes sociais”. A palestrante Regina Marteleto, da UNIRIO, examinou a constituição das redes de informação, dando relevância a seus efeitos sociais. Para ela, as alternativas de distribuição e sistematização das informações permitem às redes promover, a par da especialização crescente da ciência, a busca de um diálogo ativo entre as disciplinas. As debatedoras Gilda Olinto e Sarita Albagli, do IBICT, acentuaram a importância das redes como modo de organização e circulação do conhecimento e como sistema de conjunção de trabalhos e inteligências capaz de imprimir ao tecido social um mais vivo dinamismo. Encerrada a discussão, teve lugar a exposição do projeto Rede Memória Virtual, de Ângela Bettencourt, do Centro de Processos Técnicos/FBN.

Pouco antes, porém, do término da agenda matinal do dia, os representantes dos Comitês do PROLER, seguindo decisão tomada na tarde anterior, deslocaram-se para a Casa da Leitura a fim de reiniciar as discussões acerca da situação atual do Programa. O tema dominante foi o conjunto de medidas introduzidas pela Decisão Executiva n. 29 da FBN, que amplia as competências do Conselho Consultivo e confirma sua composição. Da mobilização dos Comitês, resultou um documento, pré-aprovado, que, entre outras questões, reivindicava a efetivação do elo institucional que subordina o PROLER à FBN e a equanimidade de representação dos Comitês por região na formação do Conselho, visto que, pela nova disposição, o órgão intervirá diretamente na orientação prática dos Comitês na gestão político-administrativa da coordenação.

A deliberação foi provisoriamente suspensa para a realização da palestra da professora Maria Aparecida Mamede, da PUC-RJ. Com base no tema “Leitura e novas tecnologias”, Aparecida examinou a relação entre prazer e aprendizado da leitura no contexto das novas tecnologias. Seu artigo, publicado nas páginas 2 e 3 desta edição, condensa a proposta da conferência. Após o comentário da professora Iranilde Maciel, que coordenou o debate subsequente, os Comitês novamente se reuniram para rever o documento preparado mais cedo, mas, como ficou assentado que cumpria antes fazer a leitura do termo para os membros do Conselho Consultivo, esperou-se pelo dia seguinte para ratificar a aprovação prévia.

De manhã, a professora Maria Vitória Maia, da PUC-RJ, proferiu a palestra “Inclusão digital e leitura: Relato de experiências brasileiras”. A exposição fez um apanhado de sua experiência na área de educação à distância e do uso da tecnologia em sala de aula. Em alusão a seu artigo publicado na Folha PROLER 26, Maria Vitória invocou a necessidade de se criar uma “terceira margem” de contato que aproxime o leitor, ou o futuro leitor, do prazer de ler. Como a conferência de Aparecida Mamede, também esta ensejou um fecundo debate, ao longo do qual os presentes relataram experiências e manifestaram suas opiniões.

Em seguida, para concluir as deliberações da tarde do dia 6, teve lugar a mesa “Indicativo de proposta de ação para o ano de 2008”, com a presença da coordenadora Eliane Pszczol, dos membros do Conselho

Consultivo Iranilde Maciel e Elizabeth Serra e 27 representantes de Comitês. A decisão concernia ao encaminhamento do texto preliminar contendo as observações dos Comitês à Decisão Executiva n. 29. Após a leitura e a análise coletiva do texto, foram apreciados os seguintes pontos: a necessidade de uma relação mais horizontalizada entre instância diretiva nacional e Comitês; o respeito à diversidade constitutiva de cada Comitê no que tange à firmação de convênios; a criação de meios de sustentação do Programa; e a definição do estatuto do PROLER no organograma da FBN. Numa segunda etapa, promoveu-se a discussão da Decisão Executiva 29, e as seguintes assertivas foram tiradas: o Conselho deverá funcionar como órgão de assessoramento direto à Coordenação; qualquer membro do Conselho poderá solicitar à Presidência da FBN o agendamento de reunião; os Comitês deverão ser representados no Conselho (uma vaga por região do país, com suplência). Os Comitês ainda contestaram unanimemente o caráter deliberativo outorgado ao Conselho pela D.E., que traria por efeito o imobilismo burocrático do Programa e o agravamento de dificuldades já vigentes. Tomando a palavra, a conselheira Elizabeth Serra posicionou-se contra a aprovação do texto, por crer que o objetivo do Encontro não era questionar a D.E., mas discutir o futuro do Programa; ela alegou que a D.E. envolvia sérias implicações políticas e se mostrou cética quanto à possibilidade de uma alteração do documento oficial. O documento, no entanto, teve aprovação integral dos Comitês, e uma lista de concordância assinada pelos membros de Comitê presentes foi-lhe anexada para ser endereçada ao Presidente da FBN.

Pela aproximação de idéias que puderam estabelecer entre si, os representantes dos Comitês consideraram o XII Encontro Nacional do PROLER bastante proveitoso. Erileide Rocha, do Comitê de Natal-RN, saudou a oportunidade de conhecer iniciativas novas e revelou a satisfação de ver que tem seguido a mesma linha de trabalho. Rosinha, do Comitê de São Luís-MA, salientou a possibilidade de consolidar uma política de leitura calcada na ação do PROLER. Para Rosi Ferreira, de Uberlândia-MG, a principal conquista foi a abertura de um espaço de reflexão das práticas de leitura realizadas em várias regiões do país, ponto mencionado também por Edvaldo Arantes, de Ribeirão Preto-SP, que enfatizou a importância das discussões relativas ao papel do livro como agente de inclusão social. Rosa Filgueiras, de Papagaio-MG, disse que o Encontro oferece a municípios pequenos a chance de tomar parte em um debate nacional sobre leitura e formação de leitores. Maria Russo, de Maceió-AL, citou a experiência de perceber que as ações dos Comitês se integram a um plano de configuração maior. Silvana Santos, voluntária do PROLER há 15 anos, afirmou que o debate faz nascer um entendimento comum entre pessoas que lutam pela mesma causa. Anamaria, da Biblioteca de Brasília, disse que o Encontro gerou uma reflexão vital à continuidade e amadurecimento do Programa. Na tarde do dia 7, após o almoço de confraternização, os representantes dos Comitês seguiram para a FBN, onde se realizou a cerimônia de encerramento do evento. Ficou talvez a certeza de que o fim desse Encontro Nacional teve um agradável sabor de recomeço.

Ao celebrar os 15 anos do PROLER, 15 anos de determinação, galhardia e resistência, vivemos um momento de alegria e solenidade. Alegria porque significa renovação, desafio. Solenidade porque implica uma reflexão sobre o que se construiu, à espera do novo ano, quando projetos para o futuro são sonhados ou decididos e novos caminhos postos à nossa frente. Fiz um balanço, e gostaria de dividi-lo com vocês. Apesar de não ser aquele com que eu sonhava, mostra contudo que, entre nosso primeiro encontro e hoje, em um amanharado cinzento uma clareira se abriu. Após um período de quase total paralisação ou ao menos de indefinição em relação ao PROLER – e em especial à Casa da Leitura, sua sede – o forte apoio da FBN ajudou-nos a superar obstáculos que travavam a ação social pela leitura. Parcerias, como a do PNLL, foram decisivas nessa trajetória. Embora ainda distantes do que consideramos um avanço efetivo, tenho certeza de que a trilha de abertura da clareira está se alargando.

Desde que assumimos a Coordenação, o PROLER cresceu bastante. Há um ano, apenas 50 agentes de Comitês, fossem eles ativos, em estado de hibernação ou desativados, vieram aqui recarregar suas baterias. Após este contato, nosso movimento inicial foi o da ordenação: mapeamos os vestígios e criamos um canal informal de comunicação para fazer chegar a todos a informação de que voltáramos ao trabalho. Com o Boletim Informativo, a Folha PROLER e nosso site, montamos uma rede nacional de incentivo à leitura. Hoje já somos 70 Comitês atuando de forma “legal”, com convênios assinados ou em regularização. Retomamos o apoio aos Encontros locais, participando de vários deles e imergindo nas realidades regionais. Conhecemos pessoas que desafiam o duro cotidiano para reverter o quadro de fragilidade no acesso à leitura.

Agora, um novo momento se inaugura. Queremos mais dos Comitês. Queremos saber a fundo seus projetos, a eficácia de suas ações, as possibilidades de parcerias. Queremos a troca de informações entre os pares, reflexões sobre o papel do PROLER. Porque, apesar do pioneirismo do PROLER e até mesmo por conta dele, há muita coisa boa acontecendo para além de nossos muros. O mundo mudou. Novas tecnologias, em particular a Internet, alteraram o comportamento da sociedade, como um dia o fizeram o telefone, o rádio e a tv. De repente, é como se não acompanhássemos mais nada, porque o mundo nos exige uma busca tão acelerada pela atualização que não respondemos com a velocidade esperada. Além do mais, a tendência é sempre acomodarmo-nos em torno do que nos é conhecido, pois o ser humano, em geral, tem medo do novo. Só que hoje, 200 anos de jornal podem ser transmitidos em segundos. Desde 1995, a venda mundial de computadores é maior que a de televisores. Hoje, centenas de milhões de mensagens serão deixadas no correio de voz de aparelhos móveis. Pela Internet, podemos visitar bibliotecas em diversas partes do mundo e ter acesso a um conjunto sem fim de conhecimentos transmitidos por palavras, imagens, sons, vídeos etc. A informação, principal produto dos tempos atuais, deixou de ser uma especialidade para transformar profundamente o modo de organização social, mas, contraditoriamente, grande parte da população brasileira tem pouco ou nenhum acesso a ela. Esse é um dos desafios do PROLER, e por isso elegemos o tema da leitura e as novas tecnologias para ser trabalhado em 2008.

A Casa da Leitura concentra atividades essenciais para tal fim. Ela abriga um Centro de Referência e Documentação/CRD, um arquivo geral, duas bibliotecas, duas salas de cursos e um auditório. Todo esse espaço, embora sofra com a ação do tempo e a falta de conservação, recomeça a pulsar. Os cursos, que deixaram de ser oferecidos durante o período de indefinição, estão de volta. Com temáticas ligadas à leitura e com professores de qualidade, ainda não atraem público na quantidade que desejamos: ação fundamental para a formação de promotores de leitura, sejam eles professores e bibliotecários, seu fortalecimento será uma das metas para 2008.

Em 2008 pretendemos compartilhar mais intensamente o espaço Casa da leitura com a comunidade. A pouca oferta de atividades culturais no bairro de Laranjeiras e adjacências nos faz sonhar com a dinamização e ampliação da programação educativo-cultural. Para isso, precisamos modernizar as bibliotecas, oferecendo melhores condições de atendimento ao público; dotar o Centro de Referência e Documentação de uma estrutura que presta serviços mais ágeis de difusão da informação; formar professores-leitores, bibliotecários-leitores e agentes de leitura; realizar obras de restauração e modernização do espaço. Se considerarmos que as atividades da Casa da Leitura devem ser referência à atuação dos Comitês, os aprimoramentos empreendidos aqui se farão refletir na eficácia de nosso trabalho conjunto.

Queridos amigos, que em 2008 as palavras “colaboração”, “parceria”, “crescimento”, “desenvolvimento” se realizem através dos atos que constituem o ambiente de trabalho. Que em 2008 possamos alimentar o país com comida, leitura e alegria. Que em 2008 não haja esmola, mas solidariedade. Que em 2008 as guerras acabem e possamos ser felizes.

Muito obrigada e uma boa jornada para todos nós!

Aviso aos Comitês
Tem início a revitalização do Arquivo do
PROLER, na Casa da Leitura.

A Divisão de Arquivo da Coordenação Nacional do PROLER vem cumprindo nestes últimos meses o tratamento de toda a produção documental elaborada pelos Comitês. São registros que datam desde a inauguração do Programa, em 1992, até seus dias atuais. Conforme o último levantamento estão cadastrados cerca de 70 Comitês ativos, conveniados à Coordenação Nacional do PROLER/FBN, a maior parte concentrada na região Nordeste. Anualmente estes Comitês preparam, a pedido da Coordenação, um planejamento com atividades propostas para o ano vigente e, ao final de cada ano, apresentam um relatório das atividades desempenhadas.

A constituição de um processo que atenda as etapas básicas para o fluxo da informação – produção/ preservação/ difusão do documento – se faz primordial para que a dinâmica entre a Coordenação e os Comitês seja contínua e eficaz. Para tanto, convidamos (quase íamos escrever *intimamos...*) todos os Comitês a encaminhar à sede do PROLER documentos como projetos, programas, publicações locais e outros, mesmo os produzidos na fase inicial de suas atividades.

Vale lembrar que os itens supracitados constam como documentos relativos aos Comitês que podem vir fazer parte do Arquivo: algumas cartas, ofícios e fotografias, além de vídeos sobre encontros do PROLER, já estão disponíveis para consulta na Casa da Leitura, sede do Programa. E, na medida em que nossa base de dados se amplia, cresce o número de solicitações a respeito de todo o material dos Comitês e, sobretudo, das notícias referentes aos primórdios do Programa.

A troca dessas informações impulsiona o arquivo tornando-o mais dinâmico e menos lacunar, já que auxilia na construção histórica de cada Comitê. Como meta para 2008 o Centro de Referência e Documentação-CRD, junto à Divisão de Arquivo, dará início à divulgação do acervo local em meio eletrônico. Através da página do PROLER (www.bn.br/proler) os Comitês e demais interessados poderão buscar informações sobre o Programa e contribuir para a atualização do conteúdo do *site*.

A chegada de novos documentos à sede e a sua posterior decodificação em mídia virtual são essenciais para que possamos intensificar a comunicação já existente entre Comitês e Coordenação. A difusão de tais experiências atrairá pesquisadores, além de permitir a abertura de novos campos de investigação no universo da leitura.



Cartas dos leitores

(mensagens para: folhaproler@bn.br)

Gostaria de felicitar o jornal Folha PROLER pela publicação do ótimo artigo da prof. Maria Vitória Maia. Como professor, pude refletir melhor sobre o uso das novas tecnologia no processo de aprendizagem. Espero que as edições seguintes tragam mais novidades.

Haroldo Antunes Bueno, professor, por e-mail.



Sou professora da rede pública de ensino e atuo diretamente na formação de alunos com necessidades especiais. Espero que para os próximos números da Folha PROLER contemos com matérias voltadas para este tema.

Dayse Vasconcelos, professora, por e-mail.



É com satisfação que parabeno o trabalho da Folha PROLER. Um periódico essencial para a formação de leitores e um incentivo para nós, professores da rede pública.

Silvana Moraes dos Santos, professora da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, por e-mail.

Ministério da Cultura
Fundação Biblioteca Nacional
Programa Nacional de Incentivo à Leitura
Folha Proler é uma publicação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura

Sede do PROLER
Rua Pereira da Silva, 86 -Laranjeiras.
Rio de Janeiro – RJ / CEP 22.221 – 140
Tel: (21) 2557-7437 e (21) 2556-6730
E-mail:folhaproler@bn.br

Presidente da República
Luís Inácio Lula da Silva
Ministro da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira
Fundação Biblioteca Nacional
Presidente: Muniz Sodré
Diretora Executiva: Célia Portella

Equipe PROLER
Alexandre Arbex, Anna Condeixa, Clemildo Rangel,
Eliane Pszczol, Elizabeth Menezes, Gilda Fernandes,
Giselda Brasil Aronovich, Luciane Goldstein, Maria
Lopes, Michele Leandro, Maria Luíza Wheeler, Rita
Miranda, Rosana Valente Soutinho, Rosane Clemente
Ribeiro, Suzana Vargas e Tatiane Cova

Edição: Eliane Pszczol (Coord. Nacional do PROLER)
Redação e diagramação: Alexandre Arbex e Tatiane
Cova

